

OS 'HERÓIS' NACIONAIS E UMA HISTÓRIA “A CONTRAPELO” DENTRO DA SALA DE AULA

*Suellen Gerlane da Silva*¹

RESUMO

Este texto propõe fazer uma discussão acerca dos chamados 'heróis' nacionais dentro da sala de aula com a perspectiva do pensamento de Walter Benjamin a história 'a contrapelo'. Partindo da crítica ao pensamento positivista propagada na prática educativa e até mesmo nos materiais didáticos, será utilizada a concepção benjaminiana de 'escovar' 'a contrapelo' os personagens conhecidos como bandeirantes. Tendo como metodologia as revisões bibliográficas de estudiosos como Walter Benjamin com seu ideário de fazer questionamentos aos relatos de fatos e feitos dos 'heróis' nacionais da história tradicional e Circe Bittencourt focando no processo de ensino aprendizagem da história de forma crítica-social. Busca-se pois, questionar a unilateralidade histórica, o apagamento das atrocidades cometidas contra os grupos que foram marginalizados e através das discussões dar visibilidade a outros sujeitos e pluralidades conceituais na história do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. História crítica-social. Outras histórias.

THE NATIONAL 'HEROES' AND A 'BACKSTORY' INSIDE THE CLASSROOM

ABSTRACT

This paper proposes a discussion about the so-called national 'heroes' in the classroom from the perspective of Walter Benjamin's thoughts about history 'against the grain'. Starting from the criticism to the positivist thought propagated in the educational practice and even in the didactic materials, the Benjaminian conception of "brushing" the characters known as bandeirantes will be used. The methodology used is based on bibliographic reviews of scholars such as Walter Benjamin, with his ideology of questioning the accounts of facts and deeds of the national "heroes" of traditional history, and Circe Bittencourt, focusing on the teaching-learning process of history in a critical-social way. Therefore, we seek to question historical unilateralism, the erasing of atrocities committed against marginalized groups and, through discussions, to give visibility to other subjects and conceptual pluralities in the history of Brazil.

KEYWORDS: Education. Critical-social history. Other histories.

¹ Graduada em História pela Universidade Potiguar. Pós-graduada em Educação Ambiental pela Integrada de Patos, e Discente no curso de Pós-Graduação em Metodologia do Ensino de História, Faculdade Venda Nova. Professora no Ensino Médio na rede Estadual do Rio Grande do Norte. E-mail: suellergerlane@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto tem a intenção de evidenciar a importância de uma história crítica dentro da sala de aula, baseada no pensamento do filósofo, ensaísta e crítico literário alemão, Walter Benjamin, que com o pensamento questionador sobre os ‘tesouros culturais’ busca ‘escovar’ a história ‘a contrapelo’ uma história positivista e dos ‘vencedores’, no qual, relata fatos e feitos de personagens tidas como heróis nacionais que prevalecendo-se da negação de outros sujeitos, mascararam, omitiram e subalternizaram outras histórias.

A história ‘a contrapelo’ é uma concepção benjaminiana, que pensa na pluralidade de conceitos e concepções históricas, culturais e sociais, que critica concepções eurocêntricas e elitistas que estão impregnadas na sociedade contemporânea e que pela ausência de análises críticas acabam sendo repetidas e tidas como verdadeiras. O foco da discussão será feito no ambiente escolar e a visibilidade dada a esses heróis no material didático como figuras míticas, no qual, foram construídos nos padrões das elites dominantes, e nós professores muitas vezes, sem nos darmos conta, acabamos sendo reflexo de uma imposição cultural que nos assola.

Com intuito de fortalecer diálogos que questionem, que ‘escovem’ ‘a contrapelo’, as concepções e o imaginário sobre os chamados heróis nacionais, e que esses, favoreçam uma formação estudantil que busque conhecer e re(conhecer) outras histórias, como a dos povos Indígenas e Africanos, que sofreram e sofrem por questões territoriais, culturais e sociais na história nacional, e foram esquecidos e marginalizados até nos ambientes escolares. Trago nesse texto apenas um exemplo, de tantos outros “heróis” de uma nação, mas que com pensamentos benjaminianos possam e devam ser contextualizados com outras realidades.

As bandeiras, eram expedições feitas por bandeirantes que partiam da localidade conhecida hoje como São Paulo (SP) rumo a Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e determinadas regiões em busca de indígenas e pedras preciosas em benefício da elite dominante. Essas bandeiras sempre foram trabalhadas nos ambientes escolares e midiáticos por uma concepção heroica da história como os primeiros a contribuírem efetivamente para o desenvolvimento econômico de determinadas regiões, em busca da mão de obra para solucionar o problema existente, e que por muito tempo na história do Brasil foram considerados heróis e enaltecidos pelos seus feitos, e ainda hoje fazem parte do imaginário de uma cultura dominante como apresentado a seguir:

Elogiando as classes dirigentes e lhe rendendo homenagens, ele as confere o estatuto de “herdeiras” da cultura passada. Em outros termos, ele participa - tal como estes

personagens que levantam a coroa de loureiro acima da cabeça do vencedor - deste cortejo triunfal que conduz os dominantes a marcharem por cima dos que, ainda hoje, jazem por terra (Tese VII). (LÖWY, 2011, p. 21).

Até os dias atuais, os livros didáticos dão ênfases aos bandeirantes como aqueles que desbravaram às terras brasileiras - os sertões - e trouxeram desenvolvimento tanto territorial como econômico, pois foram os mesmos que descobriram o ouro na região das Minas Gerais. Percebe-se claramente que em nenhum momento nessa versão histórica contada no livro didático, critica-se a ação desses bandeirantes sobre as diversas tribos indígenas e a violência para com crianças, idosos e doentes dessas tribos durante as expedições.

Mediante a concepção de nacionalismo exacerbado em volta desses ‘heróis’, a história dos povos originários foi deixada de lado, o preconceito se estendia e a sociedade era obrigada a aceitar o que estava sendo imposto pelas lideranças. Somente a partir dos anos 1980 com a ‘Nova História’ que os estudiosos começam a delinear em seus escritos, investigações antropológicas e outras concepções históricas como especificado:

Os povos sem escrita, esquecidos ou anulados pela “história da civilização”, como é o caso das populações africanas e indígenas, foram incorporados a historiografia, o que obrigou os historiadores a recorrer a novos métodos de investigação histórica, introduzindo novas fontes de importância fundamental em suas pesquisas, como a memória oral, as lendas e mitos, os objetos materiais, as construções, entre outros. Como fruto dessa aproximação com a antropologia, sedimentou-se uma *História cultural* que atualmente procura vincular a micro-história com a macro-história e tem sido conhecida como *nova história cultural*, com propagação em escala mundial. (BITTENCOURT, 2004, p.149, grifo do autor).

Percebemos mudanças na educação através da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional a adoção de novos métodos no processo de ensino aprendizagem que contribuiriam para a formação da consciência histórica crítica dos alunos, uma vez que os estudos das experiências do passado possibilitam a formação de outros pontos de vista históricos que foram esquecidos pela história tradicional.

2. UMA HISTÓRIA ‘A CONTRAPELO’

Analisar as fontes históricas que retratam os temas através de questionamentos são essenciais na busca de uma história crítica-social, com o intuito de compreender e valorizar as pluralidades culturais dos sujeitos que compõem a história nacional, sem que seja feita a imposição de uma sobre a outra, mas sim que seja valorizado a pluralidade de conhecimentos.

Nessa perspectiva de uma história nacional que valoriza heróis a construção de monumento configura-se com uma estratégia simbólica, daquilo que pretende ser ensinado e propagado para uma sociedade, a partir dessa apropriação histórica cultural de uma classe dominante. A construção do monumento às bandeiras localizado na cidade de São Paulo, foi projetada pelo escultor Victor Brecheret, com intuito de comemorar o IV Centenário da cidade, em 1954. Ao longo da história, por muitas vezes, o bandeirante foi construído conforme os aspectos econômicos, políticos e sociais que a cidade foi desenvolvendo e sendo registrado na historiografia Nacional, totalmente positivista e conivente com os sistemas operantes.

Conforme Boris Fausto, apenas nas missões do Paraguai os jesuítas estimam mais de 300 mil e tantos outras de tribos indígenas e aldeamentos jesuítas foram dizimados por conta dessas expedições que buscavam desenvolvimento próprio dos bandeirantes, e acabou tornando-se um negócio altamente lucrativo, já que capturavam esses indígenas e vendiam como escravos para outras localidades como São Vicente, hoje São Paulo – SP e Rio de Janeiro.

Esses são os heróis que temos e queremos para nossa história? Essa é a consciência histórica estamos construindo nos ambientes escolares? Como podemos formar cidadãos críticos em nossa sociedade que respeitem as diversidades étnicas culturais existentes no Brasil e no mundo? Através desses questionamentos surge a história “A contrapelo” a necessidade de contextualizar as dimensões socioculturais de versões históricas que por muito tempo estudou-se numa unilateralidade, sem haver um questionamento desses “heróis”, buscamos assim uma perspectiva revisionista que vise apresentar novas histórias e ouvir relatos daqueles que por séculos foram deixados de ‘lado’ e ficaram omissos.

Com toda essa necessidade econômica de cunho privado, “a história tecida aqui emerge nos jogos de poder-saber” (PURI, 2019, p. 83), marcada pelo sangue de povos originários que resistiram de todas as formas manter sua cultura, sua língua, seus deuses e sua história e nas produções historiográficas foram retratados de forma hostil para justificar as atrocidades cometidas para com os mesmos, sem contar uma história de resistência ao genocídio e ao etnocídio.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo diante de todas as mudanças que ocorreram com a Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional no estudo da história e na maneira de ser abordada, refletida em sala de aula, percebemos em observações recentes em estudos sobre a colonialidade e como também decolonialidade que, monumentos alusivos como o monumento das bandeirantes, estátuas que homenageiam traficantes de

escravos, discursos negacionistas, genocida e ideologias racistas de alguns partidos políticos perduram na sociedade brasileira como traço de poderio cultural e social, sendo assim, o papel da educação brasileira é ‘desarrumar’ e visibilizar essas concepções impostas e apresentar aos estudantes uma formação crítico-social que valorize as diversidades étnicas culturais existentes no Brasil, com seus diversos saberes e fazeres. Contudo, as discussões aqui apresentadas fazem parte de um campo de pesquisa amplo que é a Educação Decolonial, onde busca visibilizar outras histórias no contexto da América Latina, e sujeitos que foram subalternizados e apagados da historiografia e das produções culturais da sociedade. O intuito é despertar questionamentos sobre o enraizamento da colonialidade nas práticas educativas de muitos professores e nos materiais didáticos como também as fontes históricas que fazem parte do contexto da história tradicional.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Conteúdos Históricos: como selecionar. In: **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Contexto, 2004.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 50.

LÖWY, Michael. **“A contrapelo”**. A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin, (1940). Lutas sociais, São Paulo, n. 25-26, p. 20-28, 2010-2011.

PURI, Zélia; CAVALCANTI, A. H. Memórias de vida, ancestralidade indígena e artes sagrada como práticas de educação. **Identidade!**. São Leopoldo, v. 24 n. 1, p. 80-96, 2019.

Data de submissão: 16/08/2021

Data de aprovação: 10/09/2021